

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. Tathaba—Lisboa • Telefone: 2
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATAHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Dificuldade a vencer

As graves dificuldades por que passa a imprensa operária, devido ao constante aumento do preço do papel, constituem, neste momento, um problema de solução bem difícil e de uma capital importância para a organização proletária e para a propagação das ideias emancipadoras.

Se a continuada carestia do papel obedecesse a um plano previamente organizado, a um mesmo tempo reaccionário e espoliador, para inutilizar a imprensa livre, asfixiando-a até dar-lhe a morte, com o intuito de deixar o campo completamente livre aos jornais francos ou encapotadamente conservadores, os resultados das possíveis planas não poderiam ser mais lisonjeiros para as almas torvas da reacção politico-capitalista que o tivessem arquitetado.

E isto, que é uma hipótese, baseada na má-fé com que a burguesia sempre defende os seus mais que contestáveis direitos, não tem nada de inverossímil, antes a irritante desvergonha com que os detentores da indústria papelaria vão encarecendo o seu produto, e a atitude equivocada da maioria dos jornais perante um facto que a muitos fere profundamente, deixam entrever que alguma coisa mais que a ganância existe no ininterrupto encarecimento do papel.

Sim, porque ao capitalismo usurpador não lhe pode ser indiferente a existência da imprensa operária, que, agora mais do que em qualquer outro tempo, pode e deve incomodá-lo seriamente nos esforços que ele emprega para melhor fixar o seu predomínio, que a grande guerra deixou bastante abalado.

E é isto que o povo, evadido já do egoísmo burguês, não quer ver, deixando-se ludibriar pelas espalhafatosas atitudes de certos jornais, que procuram desviar a sua atenção dos problemas que verdadeiramente o devem interessar, porque dizem respeito ao seu bem-estar moral e material no presente e no futuro, para conseguirem arranjar uma opinião pública, que permita aos vários grupos de capitalistas fazerem tremendas negociações, as quais constituiriam autênticas extorsões à economia do país, cavando ainda mais a ruína em que ele se afunda, em proveito das castas parasitárias e em detrimento do povo que trabalha, que, mais do que nunca, ficará sujeito às oligarquias predominantes.

Ora se o povo, a massa indiferente do país, não vê o perigo que ameaça as liberdades populares, não vê as péssimas consequências que para a sua situação económica, podem advir do desaparecimento da imprensa operária, o mesmo não é lícito admitir dos trabalhadores organizados, aos quais compete de direito encarecerem a sua imprensa.

Que para a organização em geral, representa o papel da saúde no organismo humano, o qual quando a perde pode dizer-se que é já presa da morte.

O mesmo sucederá à organização operária, se ela, não tendo a consciência do momento difícil que atravessamos, não cumprir o seu dever para com a imprensa revolucionária; se lhe faltar o poderoso elemento que é a imprensa, ela perderá muito do seu vigor, e a dificuldade conseguirá fazer novas conquistas, se não perder algumas das já obtidas.

O povo trabalhador, aquele que tanto tem dado para a obra da emancipação humana, não pode, sem declarar-se traidor a si mesmo, deixar morrer o seu diário. Tem até obrigação de exigir

NÃO APOIABO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Eu sei muito bem que, dadas as exigências do progresso, nenhuma nação pode hoje manter-se sem carvão. Sei também que Portugal não produz carvão que lhe baste, tendo portanto de adquiri-lo lá fora. Sei ainda que a Inglaterra, armazém mundial do combustível, procura restringir a exportação dele. Sei mais que, mesmo sem estas restrições, não tem o nosso país dinheiro de verdade, em luzentes libras, para encomendar todo o carvão de que necessita. Sei tudo isto e muito mais, difícil sendo avaliar quanto tem de profundo e variado a minha erudição neste género. Compreendo, por outro lado, que, pôsto havermos chegado a esta desgraçada situação, aliás laboriosamente procurada por governantes e carinhosamente conservada por governantes em exercício, se nos impõem agora as regras da mais estrita economia no respeitante ao gasto de carvão. Compreendo. Mas não compreendo já o encerramento obrigatório, à meia noite, dos estabelecimentos onde se manipulam berundengas comestíveis, por esta forma se condenando à fome aquelas pessoas cujos afazeres lhes não permitiram amparar o estômago antes dessa hora, disposição legal tanto mais absurda quanto é certo que exclusivamente à escassez de carvão pretende ir buscar a sua razão de ser. Este estúpido decreto que manda correr os ferrolhos das casas de pasto no preciso momento da noite em que os ponteiros dos relógios mais se empinam, já por três vezes me deixou sem jantar—ou sem ceia, se assim preferem—naturalmente porque este meu sacrifício foi julgado necessário para conseguir-se a abundância de carvão no país. Mas que diabo tem que ver a falta de carvão com o facto de comer-se um bocado à saída do teatro ou a meio do trabalho (em Lisboa há milhares de pessoas a quem, por se ocuparem em trabalhos nocturnos, dá jeito comer depois da meia noite), que relação atendei lá entre uma e outra coisa? Falam-me da luz consumida pelos estabelecimentos, luz que implica gasto de carvão. Bonita economia esta, obtida com antecipar em uma hora o encerramento de casas a que se vai não por prazer, mas por necessidade! O encerramento de estabelecimentos onde se bebesse, cafés, botecoques, etc., já se me afigura aceitável. Mas equiparar, para os efeitos do estúpido decreto, casas onde as pessoas se embriagam com casas onde as pessoas se alimentam, ou se persuadem disso, não se entende. Daí, eu não me importaria muito de jantar à luz de petróleo, e muitas casas de pasto há cuja iluminação não implica consumo de carvão. Pois também estas são obrigadas a fechar. Para maior desconforto, sendo Portugal um país reinado onde há muito não é de uso cumprir as leis, vemos que este estúpido decreto da luz, talvez por ser mais estúpido do que é permitido a um decreto, é acatado com um rigor britânico por toda a parte. Por mais que tenha procurado não me foi possível topar ainda com um galego deliberadamente disposto a colaborar comigo numa infracçãozinha, o que daria à refeição um sabor sobremaneira apetitoso... Não tenho tido outro remédio senão antecipar a hora da última refeição. Se, porém, quiser a desgraça que ainda outra vez fique a fazer cruces na boca em frente às portas fechadas dos restaurantes, vingarme-hei terrivelmente—dando ao meu candieiro, mal chegue a casa, a máxima luz, e deixando-o aceso, furibundamente, até ao esgotamento completo do petróleo.

A CIDADE... A Ribeira Nova

Lisboa da luz, da cor e da rapina

Eu sei que Lisboa é a caricatura das cidades civilizadas—e adoro Lisboa. Eu não desconho que a nossa cidade, como todas as cidades, é terreno onde os egoísmos e as ambições medram à vontade—e vivo na cidade. O ar está poluído de miasmas; a pneumonia, o tifo ou a varíola toparam-se às esquinas com tanta frequência como os moços de freixes. O sol, este belo sol que, nas tardes de verão, transmuda o Tejo azul numa grande toalha de ouro, mal penetra nos antros sombrios das casas da baixa; meia cidade nunca recebeu o beijo de fogo do sol vilificante—essa meia cidade é a fátia e anémica. Come-se mal: hortaliças velhas, carnes retardadas e peixe podre. No entanto adoro Lisboa.

Digo mal dela, tenho dito mesmo muito mal, e continuo a beber a sua água salobre, a comer o seu peixe de terraço, a passear nos seus jardins inestéticos, a viajar comprimido na plataforma dos seus carros.

Quantas vezes me tenho encontrado a interrogar-me:—?Porque amo eu isto? E não sei. Uma vez seduz-me a cidade porque me impressionam os dias cinzentos e o pathos dos transeuntes silenciosos sobre a lama das calçadas;



...o sorriso-ladino, a boca gracil pronta para a obscenidade, o menear das ancas ao passo leve...

Que belos momentos de liberdade os garotos gosam!

Dizem as autoridades que tal prazer é condenável numa cidade civilizada. Mas somos nós civilizados? Onde estão as piscinas ou balneários públicos que as verdadeiras cidades possuem? Lisboa não se lava e está à beira dum rio. Só o rapaziado das docas tem a autêntica noção da higiene—toma banho... mas de verão apenas. Eu gosto de vê-los formar o salto e atirar-se do cimo do muralha, ver vogar, por alguns segundos os seus corpos tostados e mergulharem, com ruído na transparência da maré-cheia.

Encostadas à muralha as embarcações—fragatas, canoas e alguns barcos de pesca—descarregam areia, umas; peixe, outras. Feixes de homens de perna crestada à mostra, mangas de camisa suja arregaçadas estabelecem um val-vim ininterrupto de padolas a vergar sob as canastras de peixe cintilante ao sol como prata polida; as ovinas também carregam a sardinha miúda; e as suas saias ondulantes, o sorriso ladino, a boca gracil pronta para a obscenidade, o menear das ancas ao passo leve e elegante, alegram o trabalho. Os seus fatos berrantes são gargalhadas saudias e o sol responde-lhes, rápido, em reflexos múltiplos sobre as águas, sobre o tijolo dos barracões, ou gritando—um grito claro e fugitivo no vidro dum janela.

Mas esse sol tão quente e tão belo à vista de quem ama a natureza, presta, muitas vezes, de súbito um desses lutores fortes do trabalho, atira por terra um homem membrudo e rude; possante e proporcionado como uma estátua helénica.

Parece-me sentir dentro do meu peito o rodopiar tumultuoso do mercado. Presente-se ali qualquer cousa de feira da província. Não se encontram os bezerrinhos malhados, nem os bois pesados e amarelos, mas vê-se a policromia da louça de barro fosco ou vidrada; dos pratos de Sacavém, das terrinas mal acabadas, aos ramos verde-rubros. Encontram-se os cestos de vindima plenos de fruta sob os chapéus de sol, enormes e brancos como azas de grandes pombas. A sombra quente e roxa desses largos cogumelos, mulheres de saias saloias e lenço amarrado na nuca, pesam legumes, homens de largos sombreros sentados num caixote expõem os abrunhos cor de vinho. A cor predominante é o verde. Há verdes... de todas as cores: verde-mar no feijão, azulado nas couves portuguesas; amarelo nas alfazemas, a avermelhar-se nos pimentões, negro nas favas, esmeralda nas rainha-ciaditas. Verdadeira sinfonia da mesma cor, que não é e mesma cor. Misturam com esses verdes o oiro velho das lanranjas, o amarelo rosado dos damascos, o encanastado loiro dos ananazes, a carne aveludada dos pêssegos e o vermelho gracioso das gínjas e das cerejas: aí tendes uma tela admirável que vive, que nos diz cousas estranhamente belas e impresas. A multidão completa o quadro.

A diversidade no vestir, os que param, os que gesticulam, se descompõem entre mil exclamações; a gorda pacata de cabasino modesto regateando as couves, verificando o peso; os criados

AS GREVES A greve marítima

Por determinação da Federação Marítima, retoma o trabalho o pessoal da Companhia Nacional de Navegação

Como se depreende pelas notas abaixo publicadas, o pessoal da Companhia Nacional de Navegação, retoma hoje o trabalho.

Tem demonstrado as classes em luta uma solidariedade a toda a prova, o que é bastante animador, ficando ainda de pé o conflito com os Transportes Marítimos do Estado, devido ao procedimento do respectivo director para com a comissão da Federação Marítima.

Assim, a Federação resolveu fazer a boicotagem àquela empresa, enquanto não for justificada a atitude do sr. Nunes Ribeiro, que, cremos, será modificada para bem de todos.

Resoluções da Federação Marítima

O conselho central desta Federação reuniu ontem para apreciar as demarchas realizadas pela comissão junto da Companhia Nacional de Navegação do ministro do comércio, obtendo, como resposta, da primeira, que se responsabilizava pelo pagamento das horas extraordinárias, além das oito, e quanto ao segundo, também foi resolvido o conflito das classes dos marinheiros e moços e do pessoal das câmaras.

Ficou aprovado, por todos os delegados das classes federadas fazer boicotarem os Transportes Marítimos do Estado, enquanto o seu director, Nunes Ribeiro, não o fizer a esta Federação justificando a sua atitude tomada quando a comissão o procurou no dia 22.

Assim, hoje, os navios surtos no Tejo das classes Marítimas, não recebem carga como também não dão carga.

Esta resolução começa a ser cumprida, podendo qualquer classe maniar para bordo, em que se declara a boicotagem aos navios do T. M. E., até que o sr. Nunes Ribeiro desagrave a esta Federação, foi resolvido não retomar o trabalho o pessoal desta navegação.

Inscritos Marítimos

Reúnia esta classe em assembleia magna, na Associação dos Marinheiros e Moços, sendo deliberado que o pessoal da Companhia Nacional de Navegação retome o trabalho hoje, em virtude de a Companhia conceder as 8 horas de trabalho.

Devia também retomar o trabalho o pessoal dos Transportes Marítimos do Estado, mas, em consequência do incidente que se deu com o sr. Nunes Ribeiro, quando a comissão da Federação ia para resolver o conflito, e de acordo com a moção da Federação, em que se declara a boicotagem aos navios do T. M. E., até que o sr. Nunes Ribeiro desagrave a esta Federação, foi resolvido não retomar o trabalho o pessoal desta navegação.

Fogeiros de Mar e Terra

Esta classe, reunida em sessão magna, tomou conhecimento do resultado das demarchas efectuadas junto da Companhia Nacional de Navegação e do director dos Transportes Marítimos do Estado, o qual recebeu a Comissão de Melhoramentos com toda a consideração.

em meia lua e de anéis de grandes pedras reluzentes; sinto uma grande ternura, um desmedido dó, ao pensar que aqueles belos frutos de coloração estonteante, a vibrar à claridade intensa do meio-dia, foram amorosamente cuidados por camponeses simples e constituem o sacrifício, as lágrimas, a prostituição, a dor, a grande dor eterna de hoje, cidade luminosa e bela outrora, hoje emmagrecida pelo prazer do rico, estaimada, miserável e andrajosa...

Mário DOMINGUES.

C. G. T. Reúne amanhã o Conselho Confederal

Como ontem, à hora em que deviam ser iniciados os trabalhos, não estiverem presentes alguns dos delegados que ficaram inseridos para usar da palavra sobre o assunto em discussão, propoz o secretário geral, e os delegados presentes aprovaram, que os trabalhos prosseguissem na sessão de amanhã, a qual deve principiar às 21 horas. Continuará a debater-se a parte do relatório que trata dos sindicatos nacionais.

Conselho Jurídico

Realiza-se amanhã, no tribunal especial, recentemente criado, e conhecido por tribunal de defesa social, o primeiro julgamento de acusados de emprego de explosivos, José dos Santos e outros.

Vai defendê-lo o advogado do Conselho Jurídico.

—Ontem responderam, no 1.º distrito criminal, o cortador António Maria dos Santos, que foi defendido pelo dr. Sobral de Campos e foi condenado em dois meses de prisão, sendo-lhe tomada em conta a prisão sofrida.

—As consultas ao advogado do Conselho Jurídico continuaram a ser às sextas-feiras, salvo impedimento por serviços pelo mesmo advogado prestados na comarca ou fora dela, avisando-se depois do dia mais próximo em que se efectuam essas consultas.

—Este Conselho, em reforço da sua declaração de há dias—de se intervir nos casos que lhe sejam participados por ofício—pede aos sindicatos que lhe tenham que oficiar que indiquem, entre outros esclarecimentos que possam ser úteis, a acusação que impende sobre os interessados e o cartório por onde corre o respectivo processo.

AZEITE DE ALFERRAREDE A.C.U.F. em foco

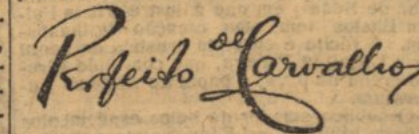
A absolvição do sr. Belo da Moagem deve ter encorajado o sr. Melo da Companhia União Fabril...

Se a Companhia União Fabril admitisse—embora com hipótese quasi impossível—... a sua condenação pelas fraudes por ela praticadas em Alferrarede, deve agora estar plenamente tranqüila pelo convencimento de que em Alferrarede se deve reproduzir a scena de Lisboa com a Moagem. O sr. Belo da U. F., que, segundo as declarações do fiscal que o prendeu, ontem publicadas em *O Século*, ia succumbido, pretendendo falar com o seu advogado e, protegido por este, poz-se em fuga, deve a estas horas já não admitir mesmo essa quasi impossível hipótese de condenação e ter a certeza de que pode continuar a fabricar os azeites contra as expressas disposições da lei, a empregar os produtos químicos que lhes alteram a acidez e lhe valorizam o preço, a fazer a rareficação no mercado deste género de primeira necessidade.

De ontem para hoje nada de extraordinário aconteceu neste curioso caso, que está prendendo e justamente indignando a opinião pública, aguardando-se apenas que seja marcado o julgamento, que se supõe será muito breve, e que em Alferrarede, ao que de lá nos comunicam, está chamando todas as atenções.

Não publicou a Companhia União Fabril nenhum novo comunicado—o que é pena porque entre os atores agora publicados há interessantes contradições, sendo de supor que outras surgiriam se de novo viesse à estacada...

Esperemos, portanto, o desenrolar dos acontecimentos e aguardemos o final da comédia, o cair do pano sobre essa estúpida farça livremente representada aos olhos das populações famintas e escarnecidas...



As heresias do papa

Uma carta apostólica tratando dos brancos e vermelhos

ROMA. 23.—A nova carta apostólica que o Papa acaba de dirigir ao Tribunal de La Fontaine é motivada pelas lutas entabuladas entre as organizações brancas e roxas. O papa reprova aos socialistas a ideia fundamental que havia expressado no seu manifesto ao Congresso de Bergamo, no qual condena as teorias bolchevistas. O novo manifesto cujo forma solene lhe dá o aspecto duma encíclica, faz notar que é a primeira vez que o pontífice emprega a palavra proletário num sentido puramente politico.

Faz igualmente notar, por outro lado, que o documento é um novo apelo à pacificação geral, no mesmo momento em que o novo gabinete se encarga do poder e baseia todo o seu programa nesta mesma teoria de pacificação. Esta coincidência, ainda que seja fortuita, não poderá pelo menos reforçar a solidez do novo gabinete.—*Rádio.*



...sob os chapéus de sol enormes e brancos, como azas de grandes pombas.

sua verdura natural. Dos bairros pobres sai a garotada toda à rua, feliz e livre, porque a falta de botas ou de fatos não a impede de pular e de correr. Porém, a Ribeira Nova é o ponto que mais interesse me merece. Passear na quele pedaço, à beirinha de água, desde o Cais do Sodré a Santos, é gosar um espectáculo admirável de colorido impetuoso; embrenhar-se a gente no mercado, que corre junto à rua de Julho, é sentir a emoção estranha de ser levado pelo marulho e entontecer ao ruído de mil vozes desencontradas. Das onze ao meio dia é a hora mais bela do bairro-mar; do meio-dia a uma, vale bem a pena passar pelo mercado ruído. Junto ao rio três cousas interessam, prendendo os olhos ávidos de beleza: as embarcações, a condução da sardinha e a rapaziada banhando-se

Sociedade "A Voz do Operário"

Na assembleia de ontem não compareceram os sócios efectivos

Reúniu ontem novamente a assembleia geral desta colectividade operária, e, com estranheza de todos os assistentes, a comissão administrativa, que irregularmente havia sido nomeada na última assembleia, e que ontem devia apresentar-se na reunião, não se dignou comparecer, notando-se igualmente a ausência de qualquer sócio efectivo, acto que foi verberado com toda a energia por alguns sócios, tendo sido aprovada a seguinte proposta:

A assembleia geral, convocada para continuação dos trabalhos, vendo que só estão presentes sócios auxiliares protesta contra a ausência sistemática de todos os sócios efectivos, considerando essa ausência como mais uma afirmação da necessidade da reforma da lei, e leva o seu protesto até à imprensa, para que se coloque o nosso facto, na defesa dos sócios auxiliares.

Ficou resolvido promover sessões de protesto, tendo sido já obtida para esse efeito a cedência das salas da C. G. T., do Centro Socialista de Lisboa, Sindicato Ferroviário e de algumas sociedades de recreio.

Não há dúvida que a atitude não só da comissão administrativa da Sociedade A Voz do Operário, mas também dos sócios efectivos, é deveras lamentável, porque revela da parte dos dirigentes da mesma sociedade um absoluto desprezo para com os sócios auxiliares, ao mesmo tempo que compromissos assumidos perante os mesmos, que são afixos os sustentáculos da referida sociedade, e contra os quais não há o direito de proceder de forma tão incorreta.

A Bataha não pode deixar de apontar o seu ao protesto dos sócios auxiliares da Sociedade A Voz do Operário, que está sendo colocada, pelos seus actuais dirigentes—que vem procedendo como autênticos ditadores—numa situação assás lamentável, não tendo aqueles indivíduos o direito de concorrer, pela forma como o estão fazendo, para o descrédito dum instituição que maiores serviços poderia prestar ao proletariado, se os que estão à sua frente, sendo assalariados, não procedessem, em regra, como burgueses, e dos piores.

Trabalhadores: Lede e propagai a BATAHA.

A invasão clerical?

Segundo lemos em jornais do Funchal, pensa-se em entregar o manicópio «Câmara Pestana», daquela cidade, aos religiosos de S. João de Deus.

E' o caso da Junta Geral daquele distrito, atirapalhada com certas deficiências e inconvenientes existentes nos serviços do referido estabelecimento hospitalar, não encontrar outra solução mais razoável, senão a entrega do hospital a uma congregação religiosa.

Isto equivale a pretender justificar a necessidade das congregações religiosas, que foram expulsas do país, após a proclamação da república, como nocivas ao progresso e à liberdade do povo.

Qual é o valor moral e social que esses grupos de clérigos representam, confessam-no todos aqueles que não se rojam pelas sacristias ou não se lambuzam com água benta; todos os que não fazem do papar hostias modo de vida sabem bem que foi sempre sob a capa do amor ao próximo, sob o rótulo da caridade para com os pobres e os enfermos, que essas congregações conseguiram introduzir-se nos diversos países, tornando-se poderosas e conduzindo-se por tal forma, que levaram os povos à revolta, fartos já de sofrerem a sua negregada e despótica acção.

Pois, procura-se, contra a lei e contra o espírito liberal do país, entregar a elementos congreganistas os serviços dum estabelecimento hospitalar, o que pela característica que esses serviços devem revestir, se tornará uma arma poderosa nas mãos do clericalismo, que, sem dúvida, se saberá aproveitar da influência que o exercício de caridade tem sobre as populações incultas.

Tenta-se, portanto, abrir as portas à invasão clerical, mas disso tem grandes responsabilidades os homens da república, porque se não se tivessem conduzido tanto estúpida e desastrosamente na sua acção política, desprezando criminosamente a verdadeira educação do povo, hoje não haveria quem se atrevesse a fazer uma tal proposta, e os serviços daquela natureza não encontrariam quem dedicadamente se prestaria a desempenhá-los, e ninguém teria o arrojo de servir-se deles como duma máscara, para conseguir perpetuar a ignorância e a submissão do povo.

As subsistências em Espanha

MALAGA, 23.—A população impede em toda a região a saída de mil toneladas de trigo para Madrid.—*Rádio.*

Incêndios em Barcelona

BARCELONA, 23.—No cinema Royal incendiou-se uma película, o que deu lugar a grande pânico, do que resultaram várias pessoas feridas. Foi dominado o incêndio na adega do vapor «Vicente Roda».—*Rádio.*

A decorative border consisting of a repeating geometric pattern, likely a stylized diamond or star shape, runs horizontally across the bottom of the page.

GRANDES ARMAZENS AFRICANOS
ALFAIATARIA E CAMISARIA
FARO & LOPES L.^{DA}
Lanifícios, Fato feito, Camisaria, Gravataria, etc.
eçam amostras. Fatos sem prova. Vende-se
a metro e sem reserva de preço
todas as fazendas tanto para homem
como para senhora

VSITEM ESTA CASA
A casa que mais barato vende
Fato reclame artico chic 35\$00

119. R. dos Encanheiros 112 e 114

A' Rapaziada!!!
As valentes e péras!



Botas péras, para homem, a 13475,
15825 e 16475.
Botas brancas, As Valentes, a
13475.
Botas Péras, duas solas, a
16475.
Sapatos, para senhora, a 11450.

Candeias
a casa que em Lisboa
vende
Calçado mais barato
Intendente
— *Defronte do chafariz* —

NICOLAU GOMES
CORREA

Alfaiate-Mercador

68

Grande variedade de calçado para
criança, e de luxo para senhora.
Para a frente é que é!!!
Venham ver os nossos preços!

Fornecedores dos empregados dos
Caminhos de Ferro Portugueses e
do Sul e Sueste e da Cooperativa
dos empregados do «Diário de No-
tícias».

SAPATARIA S. ROQUE
16, Largo Trindade Coelho, 17
(Antigo Largo S. Roque) 27

dos Empregados
dos Caminhos
de Ferro Portu-
gueses, do Sul
e Sueste, da
Caixa dos Ope-
rários da Câmara
Municipal, da
Lisboa e da Co-
operativa da Fá-
brica de Material
de Guerra.

Variado sortí-
mento de lami-
nados para ho-

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivem da impureza do sangue. Cêntimas e pessoas e tem curado. Trata-se de todas as doenças por meio de ervas. Pacote, \$60. Traveira da Oliveira, 21, rez-do-chão, direito, Estrela. (212)

ALFAIATARIA
Especialidade em fatos, sobretudos, capas, alentejanas e casacos de sãnhora lá confeccionados, tudo pelos figurinos da moda.

255-Rua dos Fanqueiros-255

Colocação dentos fixos e com placa.

25—Rua da Assunção—25
(Esquina da R. da Prata)

NOTAS E COMENTÁRIOS
por PERFEITO DE CARVALHO
Recebem-se pedidos na administração
da Batalha.

Companhia Nacional de Navegação
Vapores «Africa» e «Belama».
As suas saídas foram adiadas
para dia que oportunamente será
anunciado.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C.^{ta} L.^{da}

Telefones (central) 2778 e 3478
gramas Ferrame

Ferramental completo para todos os officios

Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro, latão, zinco, chumbo e arames diversos.
Carris, vagonetas e todos os pertences de material
"Decauville"

70 22, Largo de S. Julião, 23
Rua Nova do Almada, 1, 3 a 7
LISBOA

**Companhia de Papel
de Gois**
Ponte de Sotam-Gois

FABRICA toda a qualidade de papeis de em-
brulho, sacos, cartuchinhos, manteigueiro,
costaneiras, almoços, coquinhos, escrita, impres-
são, assefinados; capas e carta, bem como
papeis de fabricação especial

Lisos e pautados

Agente e depositário geral

A. B. dos REIS, L^{da}

52, Cais do Sodré, Lisboa—Telefone C. 4.317
10, Rua da Nova Alfandega, Porto—Tel. 2.192